



A ORIGEM DA RESPONSABILIDADE ÉTICA

THE ORIGIN OF ETHICAL RESPONSIBILITY

Lúcio Álvaro Marques¹

Colaboradores²

RESUMO

Emmanuel Levinas, filósofo, herdeiro da cultura judaica, já tinha proximidade aos livros desde novo, devido a influência de seu pai, um livreiro. O mesmo é responsável por obras como *Totalidade e Infinito*, utilizada no presente artigo com o objetivo de analisar o pensamento do filósofo acerca da responsabilidade ética com outrem. O rosto é a parte essencial do estudo quando se fala sobre a responsabilidade, pois é a parte do nosso corpo em que se encontram as feições que são responsáveis pela comunicação face-a-face, que transmite sentimentos mesmo que involuntariamente. É através desse encontro face-a-face que entra a responsabilidade com o Outrem, essa que, para Levinas, se trata de uma responsabilidade ética. A responsabilidade é uma obrigação, queira ou não. E é a partir desse momento que se compreende que a responsabilidade “retira” a liberdade, pois as próprias atitudes afetam todos ao redor, e não apenas a si. Com isso, Levinas continua seu estudo acerca da responsabilidade ética, que é insubstituível e imutável para com o eu e com o outrem.

Palavras-chave: Levinas. Responsabilidade. Rosto. Assimetria. Filosofia.

ABSTRACT

Emmanuel Levinas, philosopher, heir to Jewish culture, had been close to books since he was young, due to the influence of his father, a bookseller. He is responsible for works such as *Totality and Infinite*, a work used in this article that aims to analyze the

¹ Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (DFICS) e no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação (PPG Educação). Pós-Doutorado em Filosofia Brasileira pela Universidade do Porto/Portugal (UPORTO). Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: lucio.marques@uftm.edu.br.

² *Letícia Simão de Souza*: Graduada do curso Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Ex-participante do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) com subprojeto em Biologia, durante o período de abril/19 e janeiro/2020. Atual Coordenadora de Pesquisa da Liga Acadêmica de Botânica Graziela Maciel Barroso (LABOT-UFTM) e de Extensão da Liga Acadêmica de Anatomia e Plastinação (LAAP-UFTM) e Monitoria bolsista da Disciplina de Anatomia Comparada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UFTM). E-mail: leticia.ss2109@gmail.com.

philosopher's thinking about ethical responsibility towards others. The face is the essential part of study when talking about Responsibility, as it is the part of our body where the features are found, those that are responsible for face-to-face communication, this transmits feelings even if involuntarily. And it is through this face-to-face meeting that responsibility with the Other enters, which for Levinas is an ethical responsibility. Responsibility is an obligation, whether you like it or not. And it is from this moment that it is understood that responsibility "takes away" freedom, because the attitudes themselves affect everyone around them and not just themselves, and with this Levinas continues his study of ethical responsibility that is irreplaceable and immutable towards the me and with others.

Palavras-chave: Levinas. Responsibility. Face. Asymmetry. Philosophy.

Introdução

Emmanuel Levinas nasceu em 1905, na Lituânia, herdeiro da cultura judaica. Aos 9 anos aprendeu com seu pai, um livreiro, a proximidade com os livros. Foi nessa época que sua família foi obrigada a emigrar para Ucrânia, onde Levinas fez seu curso secundário. Em 1920 sua família retornou à Lituânia, porém, em 1923, o filósofo decidiu morar sozinho, matriculando-se na Universidade de Estrasburgo, na França, para estudar filosofia, tornando-se admirador e tradutor de Edmund Husserl (LOPES, 2012, p. 21-27).

Seu pensamento parte da ideia de que a ética é a "filosofia primeira". Ele surge em uma época marcada por experiências de duas guerras mundiais, ou seja, pela violência, levando-o a questionar o pensamento totalitário e analisar, principalmente, um dos aspectos que será tratado resumidamente neste artigo: o rosto e suas implicações.

Entre suas obras, destacam-se *Totalidade e Infinito*, publicada em 1961, *Ética e Infinito* (1982) e *Austrement qu'être ou au-delà de l'essence* (1974), entre outras (LOPES, 2012, p. 21-27). Na segunda, o filósofo explicita: "quando se observa a cor dos olhos, não se está em relação social com outrem. A relação com o rosto pode, sem dúvidas, ser dominada pela percepção, mas o que é especificamente rosto é o que não se reduz a ele" (LEVINAS, 1982, p. 69). Assim sendo, o presente artigo tem como objetivo analisar o pensamento de Levinas em relação à responsabilidade, especialmente o que a compõe. A questão a ser analisada é se a responsabilidade,

instituída no face-a-face, implica a responsabilidade por outrem, mas não necessariamente a responsabilidade pelas suas atitudes.

1 O Rosto

Emmanuel Levinas é conhecido como o filósofo da alteridade. Essa alteridade seria a relação do Eu-com-o-Outro, estabelecida através de várias formas que não serão tratadas exaustivamente neste artigo, porém algumas delas, como o rosto, a responsabilidade, a assimetria, a solidão e a liberdade, serão constantemente retomadas. O autor também trata de assuntos como a ética religiosa, a moradia, a sensibilidade, o feminino, o amor, a justiça, o segredo e o ser. Ele pensa a partir de autores como Husserl e Heidegger e, embora opondo-se a formulações deste autor, não deixa de admirá-lo.

Emmanuel Levinas analisa três aspectos importantes para o pensar da ética do rosto enquanto responsabilidade: primeiro, a “ex-cedência” do ser; segundo, a epifania do rosto e, terceiro, a significância ética do rosto (LOPES, 2012, p. 19).

O ser enquanto substantivo não significa nada. Comparar algo a alguém não significa nada. O substantivo apenas nivela as pessoas como se fossem todas iguais, excluindo a particularidade de cada uma. O “eu” é um ser (esse único), o qual não se pode equiparar a outras pessoas. O ser é ser com os outros no mundo, e somente o ser humano é ser, ele que intenciona e que é “com-preensão”. Os seres são intransitivos, pois tudo pode ser trocado entre eles, menos a existência de cada um (LOPES, 2012, p. 30).

Ainda dentro da “ex-cedência” do ser, Levinas emprega o verbo *Il y a*, que no português é traduzido como *há*, para evidenciar a impessoalidade do ser. O *há* é caracterizado como uma solidão, a principal forma de existir no mundo. E é no debate do “há” que o ser anônimo entra num conflito com o anonimato e o existir, e acaba saindo do isolamento do anônimo. Esse anonimato é, por exemplo, a solidão que uma criança sente quando todos da sua casa já dormem, menos ela, momento em que sente vontade de deixar de existir pelo sentimento ruim de solidão que está passando. A partir do momento que essa criança passa a lutar contra esse sentimento que a faz sofrer, ela rompe com o anonimato e passa a ter uma relação de existência (POIRIÉ, 2007, p. 16-17).

Sair da solidão requer encontrar não a impessoalidade de um ser, mas a vivacidade de um rosto. A epifania do rosto se encontra, sobretudo, em *Totalidade e Infinito*, onde o filósofo mostra animação ao apontar o rosto como grande mudança de foco na autonomia e na autoafirmação do eu. O rosto é significação, para além do contexto, ou ainda (POIRIÉ, 2007, p. 27): “pode-se dizer que o rosto não é ‘visto’. Ele é o que não pode se tornar um conteúdo, o que vosso pensamento abarcaria; ele é o que pode ser contido, ele vos conduz ao além. É nisso que a significação do rosto o faz sair ao ser enquanto correlativo de um saber.”

Quando um eu se relaciona com o tu (outro), esse tu interfere na responsabilidade do eu, pois esse outro é imprevisível (aliás, previsão não existe no ser humano) e é totalmente diferente do eu, não existindo uma igualdade na relação. O eu se torna responsável pelo tu (algo que será discutido mais à frente na responsabilidade com o outrem).

Semelhantemente o tempo, para Emmanuel Levinas, depende do outro, é o tempo do outro, constituído pelo outro e pela relação com o outro. O outro pode não estar presente, mas ele vem de um tempo, ele esteve presente, ou ainda pode vir em um futuro. O outro mostra-se no tempo, sua epifania é a manifestação transcendente do homem e, nos textos de Levinas, esse termo se manifesta como o rosto que se manifesta no outro: eis a epifania do rosto para Levinas (LOPES, 2012, p. 72).

E, por fim, a terceira e última maneira que Levinas tem para descrever a ética do rosto enquanto responsabilidade é a significância da ética do rosto (LOPES, 2012, p. 103):

Perceber que o Rosto não se reduz a esse simples significado, que ele vai além, pelo fato de sua originalidade: nisso consiste o excesso de significação que significa uma realidade que não está nele, mas “reside aí na anterioridade irreversível onde as significações se bastam e contêm as marcas dessa anterioridade.”

Nesse terceiro aspecto, o filósofo coloca o rosto como algo que por si só se significa: não tem como alguém dar significado a ele, pois ele é irreversível, irrepresentável, algo que se auto-significa. A preferência do rosto não depende de alguém falar algo ou falar sobre alguém. O outrem se comunica em igualdade de condições. A filosofia da comunicação permanece sem rosto, pois todos seriam reduzidos ao que ele fala (WALDENFELS, 2004, p. 68).

Essa compreensão do rosto de outrem se deve, em parte, à experiência de duas guerras mundiais, período em que desenvolveu parte de sua filosofia. Levinas foi levado ao campo de concentração por ter origem judaica, apesar de na Segunda Guerra já estar naturalizado francês, e foi onde começou a reparar a face das pessoas. Ele diz que com o passar do tempo as pessoas perdiam sua personalidade nos campos, de modo que sequer sabiam quem eram. Dizia também que a essência parou de ser vista, passando a ver rostos sem esperanças, rostos que não apresentavam expressão de qualquer coisa, um total desolamento.

O rosto é a parte central do nosso corpo, onde estão significadas nossas percepções e onde as feições se expressam (essas que são de extrema importância para o face-a-face) e os sentimentos, mesmo que involuntariamente. Ele não cai no mundo exterior, mas abre caminho para entrarmos em um mundo interno. O que é essencial, para Levinas, é a interligação de um ser a outro, e não a mudança de um ser a outro. O que importa é a história do outro (CRISCHLEY e BERNASCONI, 2004, p. 67).

O rosto é um modo de se apresentar, se ex-pôr do outro: apesar de não se saber o que o outro está passando, sabe-se que está vivendo algo, pois não dá para mentir e dissimular o tempo todo diante do rosto de alguém. Ele é o que expressa a verdade do ser, esse que dificilmente consegue esconder algo ou fingir.

A face anuncia a ausência corpórea do outro, pois não é algo real por dentro e nem algo ideal fora do mundo. O ser humano só apresenta uma face “verdadeira”, pois o que ele “tenta exaltar, ou tenta ser”, não é a essência dele. No ambiente judaico onde Levinas cresceu, a verdade se manifesta através do face-a-face, sem máscaras nem dissimulação (POIRIÉ, 2007, p. 38).

O autor trabalha o rosto também na esfera religiosa. Ele diz que o caminho para Deus passa pelo rosto do outro, porém, isso não inibe a visibilidade de Deus. O caminho religioso, para Levinas, é uma “fome” do outro. Deus se aproxima do eu e não se afasta do dia-a-dia. O rosto do outro mostra a manifestação de Deus, e essa manifestação é deixada pelo infinito; porém, isso não faz com que o outro seja uma divindade, apenas que seu rosto seja a epifania da transcendência (CHACON, 2015, p. 15-6).

Levinas diz, no livro *Ética e infinito*, que ao se observar um rosto, deve-se conduzir pela percepção, pois quando se olha o rosto se se fixa na observação dos

órgãos, esse olhar tomaria o rosto como um objeto descritivo, e não perceptível. Diz também que o rosto é aquilo que não se pode matar ou, pelo menos, o que atribui sentido ao “tu não matarás”. O rosto é discurso, ele fala, é nu, é aquele que manda, que determina apenas a olhá-lo. O rosto do outrem manda na liberdade do eu.

O rosto é aquilo que é perceptível, não aquilo que aparece sensivelmente, ou uma simples aparência; não é restrito somente à percepção, mas é aquilo que expressa a alteridade. O rosto é uma abertura para a alteridade, essa que significa a capacidade do eu se colocar no lugar do outro. Isso é ético para nosso filósofo: o eu caminha ao encontro da alteridade do outro. “É preciso que abandonemos antes nossos pré-juízos, nossos pré-conceitos, indo em direção ao outro, ao desconhecido; é preciso que aprendamos como se aprende uma nova língua do estrangeiro, do Outro em sua alteridade, em sua diferença” (KESTERING, 2008, p. 30).

O face-a-face contempla, mesmo de modo “não tão exibido”, a alteridade do outro. O rosto do outro recorda as obrigações do eu (COSTA, 2000, p. 140). O rosto fala e é através dele que se inicia um discurso. O filósofo afirma, em *Totalidade e Infinito*, que o encontro com o outro supera quaisquer formulações lógicas possíveis aplicáveis a encontros.

Por exemplo, quando se está passando pela rua de madrugada e se vê uma pessoa caída ou um mendigo pedindo dinheiro, é “natural” que se queira desviar o olhar para não ver o rosto daquela pessoa, pois o olhar, a expressão do rosto da pessoa “manda” que se tenha responsabilidade por ela. O rosto pede ajuda e impossibilita a recusa quando se encara, quando o outro é reconhecido através do face-a-face.

Se não houvesse um encontro com o rosto do outrem, o eu poderia viver tranquilo a fim de viver do seu saber sobre as coisas, do seu próprio poder. Entretanto, o rosto do outro é essencial, é o sentido da existência do eu. O rosto é o vestígio infinito que clama por responsabilidade.

2 A Responsabilidade

Emmanuel Levinas, em *Ética e infinito*, trata, entre outros, o tema da liberdade. Ele diz que todos são livres para agir conforme o imperativo ético subjetivo, porém, a partir do momento em que a atitude infringir alguma lei ou implicar o não-

reconhecimento do outro, é obrigatório que a pessoa assuma a responsabilidade por ela, pois se o indivíduo julgou ético tomar determinada decisão, será igualmente ético assumir a responsabilidade. Perante a lei, somos responsáveis apenas por nós mesmos, pelo que falamos e fazemos. Uma exceção disso são crianças e deficientes, que não conseguem ser responsáveis por si mesmos.

Essa responsabilidade é conhecida como responsabilidade ética, pois a partir do momento em que se toma uma atitude de acordo com o que é considerado certo, é necessário assumi-la e ser responsável por ela, independente das consequências que ela pode vir a ter ou não. Por isso a ética se funda na responsabilidade subjetiva frente ao outro. O que é ético para o eu decorre da responsabilidade com o outro, por isso responde-se pelos atos, isto é, cada um é responsável por si, por suas ações e pelo outro.

O outro é para o eu a própria transcendência. No rosto do outro encontra-se uma responsabilidade ética. Quanto mais se aproxima do outro, mais próximo fica dele, mais responsável e envolvido pela responsabilidade com ele estará, e isso não tem volta.

É a responsabilidade que “captura” a liberdade, e isso faz com que não se possa viver da maneira que se “bem entende”, como se não houvesse responsabilidades, pois o outro reclama e o chama à responsabilidade antes mesmo dele poder consentir: eis uma eleição. Nessa eleição em que o eu não é capaz de dizer que quer participar, ou não, para ser responsável pelo outro, o eu se torna totalmente refém do outro, pois essa responsabilidade para com ele surge antes da liberdade.

Levinas reconhece a responsabilidade como responsabilidade por outrem, por aquilo que não necessariamente não foi o eu que fez, mas o outro é que pode dizer respeito ao eu e, através do rosto, isso é uma responsabilidade considerada indeclinável, pois não depende da vontade de ninguém ser responsável pelo outrem, apenas se é. É a minha responsabilidade em face de um rosto que me olha como absolutamente estranho – e a manifestação do rosto coincide com esses dois momentos – que constitui o fato original da fraternidade (LEVINAS, 1980, p. 191).

O filósofo trata a responsabilidade como insubstituível, pois ninguém pode responder pelos meus atos, ninguém pode ser responsável pela minha responsabilidade, e isso é tratado com o termo “substituição”, descrito tanto em

Autrement qu'être quanto *Emmanuel Levinas: ensaios e entrevistas*, de François Poirié.

A substituição ocorre, para Levinas, quando responde pela responsabilidade do outro, no momento em que se assume o seu lugar, se “sacrifica” sem nenhum mérito. Levinas diz que assumir a responsabilidade de terceiros não é um ato para se orgulhar, pois mesmo que alguém se responsabilize por outrem, ele não deixará de sofrer pela morte de um ente querido, por exemplo, nem mesmo lhe dará a força que ele nunca teve, não evitará a morte do outrem.

Em resumo, a substituição equivale a se colocar no lugar do outro e assumir suas dores, ao mesmo tempo em que se torna responsável pelas suas responsabilidades éticas. É querer ser responsável pela responsabilidade e “sentimentos” do outro, e isso ocorre de maneira em que o eu se entrega totalmente às preocupações e responsabilidades com o outro.

Levinas também entende por responsabilidade a responsabilidade por outrem, ou seja, o “eu” é responsável pela responsabilidade do “outro”. A responsabilidade com o outrem não é um divertimento, mas sim uma obrigação infinita. Não se é, porém, responsável pela atitude do outro, mas sim pela responsabilidade da responsabilidade, iniciada a partir do momento em que se situa face-a-face com ele (LEVINAS, 1982, p. 79).

Essa responsabilidade está no mundo desde antes do eu surgir, ela está enraizada na sociedade. Por mais que o eu pense que ao passar por um lugar, está sozinho, não está, pois alguém antes do eu já percorreu esse caminho. Quando pensamos que somos livres, supondo que estamos sozinhos, nos iludimos. Sempre existe alguém. Existe um ordenamento social. O outro pode não estar ali, mas já esteve. Ninguém está no mundo sozinho, ninguém o habita só, senão não seria mundo. E, por isso, somos responsáveis pelo outro e pela responsabilidade do outro. Ser responsável com o outro é uma exigência que me importuna sem parar: eu sou refém do outro. A responsabilidade para com o outrem não é prazerosa, nem confortável, é uma atitude ética (POIRIÉ, 2007, p. 28-29).

Emmanuel Levinas diz, na *Ética e Infinito* (cap. 8), que a responsabilidade não é um simples atributo da subjetividade, como se esta existisse já em si mesma, antes da relação ética. A subjetividade não é um para si: ela é, mais uma vez, inicialmente para outro. Segundo a frase de Dostoiévski “somos culpados de tudo e de todos

perante todos, e eu mais do que os outros”. Levinas diz que quando o eu é colocado frente-a-frente com o outro, não é apenas intimado a responder só por ele, mas sim pelos outros, e isso pode fazer com que, para fazer bem ao outro, acabe com o seu bem-estar, assim como pode fazer apenas o seu bem e acabar com o outro. Entre o eu e o outro, há a assimetria.

3 A responsabilidade como assimetria

Para Emmanuel Levinas, a responsabilidade é uma assimetria fundamental, pois quando o eu se torna responsável pelo outrem, não pode exigir ou querer que o outro seja responsável pelo eu. Eu não devo querer uma reciprocidade de atitudes. Levinas trata isso em seu livro como “denúncia da espera da reciprocidade” (POIRIÉ, 2007, p. 38-9).

Um exemplo que se pode dar sobre a assimetria com o outro é a criação do filho conforme as vontades apenas dos pais. Quando a criança é pequena o pai dedica-lhe todo o seu tempo, carinho e amor que possui; porém, à medida que criança cresce, ela “começa a se tornar dona de si (um outro que eu)” e começa a aprender coisas que só a partir do amadurecimento ela iria aprender, de modo que a reciprocidade de atitudes que o pai espera poderá acontecer ou não, demonstrando, assim, uma assimetria na responsabilidade pelo outrem.

Quando a criança cresce, ela não corresponde às expectativas dos pais, e isso frustra o sentimento deles, pois por mais que eles não devessem esperar por algo, eles esperam, de algum modo. Mas há, aqui, a distância da assimetria: a criança é desprovida de responsabilidade, ela não responde pelos próprios atos, enquanto os pais respondem por ela e são responsáveis por ela. Afinal, a criança não é a reprodução dos pais, ela é o outro. A partir do momento em que ela cresce, os pais querem que essa responsabilidade seja recíproca, porém, não é: não existe uma reciprocidade, porque ninguém escolhe por quem deve ser responsável, apenas se é. Se essa criança que cresceu não corresponde às suas expectativas é porque ela é um ser diferente dos pais e responsável por um outrem que, infelizmente, não seria eles. A criança se mantém na sua individualidade como outrem (ou outro alguém) e não uma mimesis dos pais.

A assimetria é a relação em que o outro é o que transcende o eu, na qual o outro está mais “elevado” que o eu. Ele sente que nunca é justo o bastante, pois é dever do outro ser um “mestre” e isso faz com que o eu julgue sua vida através da vida desse outro.

Um dos temas fundamentais, de que ainda não falamos, de *Totalidade e Infinito*, é que a relação não simétrica. Nesse sentido, sou responsável, por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me viesse custar a vida. A recíproca é assunto dele (LEVINAS, 1982, p. 82).

Por mais que o eu seja responsável pelo outrem a vida inteira, ele não pode exigir algo em troca. Ele deve apenas agradecer pelo fato do eu ter tido a oportunidade de ser responsável por ele fielmente. E o eu deve ser grato por ter aprendido com o ser transcendente que o outrem é. Isso acontece porque o eu é um eleito do bem que foi “escolhido” para servir o outrem e cuidar das responsabilidades do mesmo.

Depois de apresentar a assimetria, Levinas mostra como o outro irrompe na moradia. A transcendência é a moradia, é permitir que o eu se aproxime tanto de um outrem que ele passe a ensinar coisas para o eu que é responsável por ele. Essa aprendizagem e essa aproximação são as moradas, o lugar em que o eu e o outro habitam, uma vez que fui eleito para ser responsável por ele.

Na lógica do ser, acredita-se que a responsabilidade com o outro, o cuidado com ele tem que ser recíproco, e quando se percebe que existe uma assimetria, ou seja, que não existe uma reciprocidade, ele desiste de investir na alteridade, que nada mais é do que a relação entre o eu e o outro. E isso pode trazer consequências muito infelizes, como o narcisismo e o egocentrismo, pois o eu, na lógica do ser, quer que o outro seja o que ele diz ou determina. O eu pensa que precisa do outro para firmar sua existência e esquece que mesmo junto ao outro ele está sozinho, em uma solidão que ninguém é capaz de tirá-la, nem mesmo ele, pois é o que o torna existente no mundo. Por isso mesmo, é na solidão que se assume o outro sem nenhuma imposição de reciprocidade.

Precisa-se compreender também que, por mais que alguém espere que sua pessoa se responsabilize e que o outro se responsabilize pelo eu (ou seja, por mais que espere essa reciprocidade), ela não existirá. E pode ainda ter esquecido de perceber que, da mesma forma que o eu foi eleito para ser responsável por alguém,

um outro alguém foi responsável pelo eu. Isso se dá porque todas as pessoas são responsáveis umas pelas outras, não necessariamente por todas com as quais convivem, embora a responsabilidade permaneça. Eis um ciclo onde um é responsável por outro, outro responsável por outro, instituindo a comunidade ética: o nós assimétrico.

4 Conclusão

Queríamos mostrar que o rosto, a responsabilidade e a assimetria estão totalmente relacionadas, pois é a partir do momento em que se entende o rosto e seus entornos que se consegue entender a responsabilidade ética para com o outro. A assimetria emerge a partir do momento em que um eu acredita que o outro, pelo qual se tem responsabilidade, deveria ter responsabilidade com o eu, mas isso está errado. Não existe uma reciprocidade de sentimentos. A partir do momento em que o eu se torna responsável por alguém, o outro também pode se tornar responsável por um outrem, que não necessariamente seja eu. O rosto é a base para todos esses movimentos, pois a partir do momento que se entende que o rosto é infinito e que ele é o responsável pela existência e pelo face-a-face que faz com que as pessoas tenham responsabilidade umas com as outras, é mais fácil compreender as relações humanas.

Levinas passou por momentos tensos em sua vida, como as duas guerras mundiais, e, durante a segunda, foi levado para campos de concentração. Grande parte de seu pensamento e filosofia se desenvolveram a partir disso. Assim, a filosofia do rosto se deu com a vivência da dimensão trágica da vida. Convivendo com as pessoas nos campos, percebeu que muitas delas perderam suas feições, suas personalidades e apenas aceitavam o que estavam vivendo, esperando o pior. Foi a partir disso que teve um motivo para estudar e escrever sobre o rosto, pois ele é a nudez completa e a face da sinceridade, da transparência de si ao outro. Pode-se querer mentir, mas o rosto nunca mente, ele denuncia, expõe a verdade.

O rosto pode estar envolvido com a ética, com a religião, com a solidão do ser. Ainda assim, o rosto é infinito e não tem explicação, apenas é, é nu, é transparente, quando se o observa, não há como não decifrar o que está acontecendo, não dá para esconder a expressão que ele transmite, já que ele é o que há de mais verdadeiro no

corpo. O “resto” são partes que se procura reificar, mas inclassificáveis. O rosto permanece como transcendência.

A responsabilidade é uma obrigação: o eu não consegue deixar de ser responsável pelo outro, esse que sequer precisar estar por perto, mas que continua a tirar o sono. Quando passamos por uma rua, muitas pessoas também passaram por ela e isso nos faz responsáveis umas pelas outras e por outras que ainda poderão passar por ali. A responsabilidade é ética quando pensada a partir de si mesmo, da subjetividade, quando se toma uma atitude, exige uma resposta do eu. E ela será uma resposta ao outro. O eu é eleito para ser responsável por ele, mas não pode ser responsável a ponto de querer lhe substituir e tomar todas as suas dores, como se o outro não pudesse passar por nada, porque ele passará mesmo sendo difícil, viverá o que está propenso a viver. O eu está ao seu lado, mas nunca em seu lugar.

Referências

CHACON, D. R. A. Rosto e Responsabilidade na filosofia da Alteridade em Emmanuel Levinas. **Intuitio**. Porto Alegre, v. 8, n. 2, dez./2015, p. 15-24.

COSTA, M. L. **Levinas**: uma introdução. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000.

CRISCHLEY, S.; BERNASCONI, R. **The Cambridge Companion to Levinas**. London: Cambridge University Press, 2004.

KESTERING, J. C. **Sobre o diálogo**: introdução a uma leitura filosófica de E. Levinas e H.U. v. Balthasar. Campina Grande: EDUEP, 2008.

LEVINAS, E. **Ética e infinito**. Trad. J. Gama. Lisboa: 70, 1982.

LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Trad. J. P. Ribeiro. Lisboa: 70, 1980.

LOPES, M. M. C. **Nova Semântica da ética em Emmanuel Levinas**: rosto e responsabilidade. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Belo Horizonte: FAJE, 2012.

POIRIÉ, F. **Emmanuel Levinas: ensaio e entrevistas**. Trad. J. Guinsburg, M. Honório e Godoy e T. Blumenthal. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SOARES, D. M., **O outro na filosofia de Emmanuel Levinas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Campina Grande: UEPB, 2011.

SOUZA, R. T. **Um grande livro em minha vida**. “Totalidade e Infinito”, ensaio sobre a exterioridade de Emmanuel Levinas. 2018. Disponível em: <https://timmsouza.blogspot.com/2018/12/um-grande-livro-em-minha-vida.html>
Acesso em: 01.jun.2019.

WALDENFELS, Bernard. Levinas and the face to the other. In: CRISCHLEY, S. & BERNASCONI, R. **The Cambridge Companion to Levinas**. London: Cambridge University Press, 2004.

Artigo recebido em: 05/10/2021.
Artigo aprovado em: 06/12/2021.